

# Na porta do Instituto do Coração, um domingo de calma e resignação

SÃO PAULO — No Instituto do Coração, a esperança já não era ontem, o sentimento dominante entre as pessoas que vieram à porta do hospital para acompanhar o estado de saúde de Tancredo Neves. O otimismo dos dias anteriores dera lugar à resignação.

Tanto assim que até mesmo cartazes e pichações aceitando a morte de Tancredo apareceram nos muros, onde antes os slogans otimistas eram praticamente obrigatórios. “Só sairemos daqui quando o senhor sair. Vamos segui-lo vivo ou morto”, anunciava um cartaz. “Estão mantendo a nossa última esperança. Tancredo” — frase escrita com spray em um muro do cemitério do Araça, próximo ao Instituto do Coração. Mesmo entre os fiéis foram mais comuns as rezas pela alma do Presidente do que propriamente pela sua recuperação.

Outro sintoma da aceitação do quadro como irreversível foi a diminuição do número de pessoas em torno do hospital. Também o número de visitantes foi bastante reduzido: de políticos, apenas o Ministro da Administração, Aluizio Alves, esteve ontem com a família, deixando o hospital com ar de desânimo.

Para o clima de desolação nas proximidades do Hospital contribuíram ainda a interdição da Avenida Dr. Enéas de Carvalho Aguiar — que reduziu o costumeiro movimento de automóveis — um forte frio e um vento persistente.

— É com dor no coração que eu digo isso, mas não tenho mais espe-

rança — reconhecia a dona-de-casa Maria de Lurdes. Ela recordava a morte da sua mãe, que, segundo conta, passou por “um martírio igual ao do Presidente”, ficando mais de um mês internada antes de morrer:

— Eu me lembrava que minha mãe não se recuperou, mas até há uns dois dias ainda acreditava na melhora do Presidente. Agora, essa minha esperança acabou. Não acredito em mais nada.

O pedagogo Maurício Gaia, 52 anos, era outro desiludido, que justificava sua presença apenas para acompanhar a “expectativa” popular:

— Houve tanta divergência de prognósticos que ainda deu para manter o nosso otimismo por algum tempo. Mas o que verificamos agora é que o estado está estável, piora, depois fica estável, mas é sempre mais grave. Sinceramente, agora só se pode esperar o pior.

Para Maurício, a evolução lenta do agravamento da saúde do Presidente deverá contribuir para que a população receba com calma a notícia de sua morte. Também pensa assim a estudante de comunicação Carla Regina Gonçalves, de 18 anos, outra que já estava descrente na salvação de Tancredo:

— Acho que o povo já está preparado para isso. É só lembrar que nos primeiros dias havia aqui na porta um ambiente de desespero e os ânimos estavam exaltados. Agora, o pessoal vem para cá com calma, já conformado. A verdade é que já está todo mundo preparado.